

A black and white photograph capturing the inauguration of Brasília, Brazil. On the left, the iconic twin towers of the National Congress building stand tall against a cloudy sky. In the foreground, a massive, dense crowd of people fills the lower two-thirds of the frame, with many individuals looking towards the camera or the buildings. In the background, a large, domed structure, likely the National Stadium, is visible. The overall scene conveys a sense of a major historical event and a bustling, newly established city.

Rumo à  
Inauguração  
de Brasília

Este livro foi escrito por meu querido pai, Victorino M. Ferreira, nosso Vic.

Sempre hábil com as palavras e com vocação de poeta e escritor, ele usou sua máquina de escrever mecânica para registrar sua viagem rumo à inauguração de Brasília em 1960.

A primeira vez que li esta história foi depois de seu falecimento em 2022. Sempre modesto e reservado, meu pai nunca mencionou esta história. Infelizmente, não tinha idéia que ele tivesse escrito sobre esta experiência e agora nunca vou saber detalhes do que ele aqui descreveu.

Tantas outras coisas descobertas, fotos e fatos, perguntas que agora ficarão sem resposta...

Em homenagem a ele, amado e talentoso, compartilho seus relatos com todos interessados em sua trajetória e perspectiva sobre a inauguração da nova capital do Brasil.

Saudades eternas da filha que sempre muito te admirou.  
Com amor,  
Márcia Ferreira

Este projeto só foi possível com a ajuda de minha linda e querida sobrinha, Isabella, que digitou cada palavra que nosso Vic registrou em oito páginas de papel ofício. Muito obrigada de coração.

À todos, curtam a história de nosso Vic, eternamente em nossos corações.

31 de março de 2024 (Domingo de Páscoa).

minha viagem

RIO

BRASÍLIA

RIO

Esta é uma narração daquilo que pude ver e sentir nesta viagem à nova capital, proporcionada pelo CPOR/ RJ para que nós participássemos de sua inauguração.

Relato apenas seu aspecto material, aquilo com que meus olhos deparavam naquele momento. Deixo de lado todos os aspectos políticos ou econômicos ligados com a construção e sua inauguração.

Victorino

minha viagem

RIO

BRASÍLIA

RIO

Era domingo. Pela madrugada partia eu a caminho do CPOR. Sim, era domingo, mas um domingo diferente; além de ser o domingo de Páscoa, embarcaria para Brasília.

Eu era todo entusiasmado, toda vibração, pois se realizaria um grande sonho meu: conhecer Brasília.

Às 6:50hs partíamos, em fim, numa pequena caravana com 3 confortáveis ônibus, comandados pelo Major Rodin.

Depois de uma pequena parada, que já nos impacientava, na barreira Estado do Rio-D.F. , subíamos a serra de Petrópolis e alcançávamos a bela cidade, numa manhã de sol brilhante.

Rodeamos a Quitandinha admirando toda sua grandiosidade e beleza. Seguimos em fim pela cidade até tomar novamente a estrada que nos conduziria a Belo Horizonte.

Passávamos por cidades pequenas pelo interior do Estado do Rio até atingir a fronteira com Minas Gerais. Assim é que alcançamos Três Rios lá pelas 12hs. A fome já se fazia sentir, esperávamos ansiosos a refeição. Foi-nos, então, servido ração fria.

Enquanto comíamos o ônibus rodava. Rodava sem parar pela longa estrada Rio-Belo Horizonte. Três Rios foi a última cidade fluminense, tudo mais era Minas. De quando em vez por uma cidadezinha passávamos: Paraibuna, Matias Barbosa, Juiz de fora, Santos Dumont. Em todas, olhos fora da janela, a admirar a beleza do interior, e acenar para as mineirinhas que entusiasticamente retribuíaam.

Começávamos a galgar a Mantiqueira. Serra verdejante, que em outras épocas foi o obstáculo maior para os colonizadores, mas hoje a boa estrada nos facilita a tarefa.

Após escalar completamente as serras, e começar a descer um pouco, víamos Belo Horizonte que brilhava com sua iluminação citadina na escuridão da noite, nos atraindo, tornando-nos ansiosos para chegar. Sim, chegar à capital mineira, onde passaríamos aquela primeira noite de viagem.

Entramos em Belo Horizonte, e às 20hs estávamos no CPOR. Após um jantar rapidíssimo, depois de arrumar a bagagem, liberaram-nos para passear, e conhecer inteiramente Belo Horizonte. Divertimo-nos a valer aquelas poucas horas.

Uma noite de repouso, e pela manhã partíamos para a nossa próxima escala: a pequenina cidade de João Pinheiro.

As pesadas rodas de nossos ônibus devoravam quilômetros e quilômetros de estrada, deslizando sobre o negro asfalto. O ar campestre penetrava por nossas narinas fazendo-nos respirar o ar saudável, sem as impurezas das grandes cidades.

A estrada era interminável. Em alguns pontos via-se após inúmeros quilômetros de reta a estrada afinando-se, que nos dava a impressão nítida de encontro entre as duas paralelas.

Subíamos e descíamos serras e olhávamos para baixo, um grande despinhadeiro se descortinava diante de nós. Eu admirava a grandeza de minha Terra, tudo Brasil. Desvendava-se para mim o grande desconhecido.

Depois de muito correr, muitas vezes centenas de quilômetros, sem ver um povoado, chegamos a Felixlândia, o local de nosso almoço. O restaurante era uma pequena cobertura de sapé à beira da estrada. Todos deliravam...

Comida pimentada a gosto dos mineiros; muitos reclamavam, mas todos comiam. Quando todos tínhamos acabado de almoçar ouve-se o apito do Major decretando o embarque.

Partíamos, assim, para João Pinheiro, a escala prevista para passarmos a noite.

Mais alguns quilômetros atentos, e logo todos se recostavam para descansar. O sono se apoderou do ônibus. Todos dormiam calmamente enquanto se avançava estrada a fora em direção ao hinterland, a caminho do oeste. Quando acordei estávamos cruzando o S. Francisco, passando em Três Marias, uma das grandes represas do Brasil. Apenas um olhar, um reconhecimento, e, o sono novamente.

Continuávamos a longa jornada. Já agora se desvendava para nós o planalto com suas matas baixas que se perdiam de vista na imensidão, quando em um determinado ponto, talvez no infinito, o céu, tal qual faz com o mar, se juntava a Terra.

Pela tarde, às 5hs, o sol descambava com toda sua luminosidade para o poente. Mas algum tempo, e presenciávamos o maior espetáculo que a natureza nos proporcionava; o pôr do sol. Tão difícil é descrever aquela cena maravilhosa; quando o sol naquele imenso planalto descia e escondia seus raios luminosos, deixando transparecer somente um jogo de luz fulgurante decompondo-se nas camadas extratosféricas. Acima era um tom amarelado que pouco a pouco descambava para um alaranjado mais abaixo e cada vez que se aproximava da Terra tomava tonalidades mais graves até que, contornando alguns arvoredos, notava-se um vermelho forte tal qual um incêndio.

Oh tarde maravilhosa, em que pudemos contemplar tão bela natureza! Tal fato nos passa despercebido nas cidades.

Depois daquele espetáculo que a natureza nos proporcionava, a noite cai, domina a Terra, tendo apenas na sua negra escuridão o brilho das estrelas e a claridade do luar.

Mais um pouco viajamos e chegamos a João Pinheiro. Eram 18hs. Nas mais humildes casas a lamparina tremulava cedendo sua fraca luz, tal pirilampus sobrevoando campos.

Desembarcamos para tomar contacto com nosso alojamento; era o grupo escolar da cidade. Uma luz fraca parecia iluminar a casa. Depois de arrumarmos a bagagem e jantarmos, fomos liberados até a meia noite.

Sáímos a passear por aquelas ruas empoeiradas, aos mais diversos locais. Fomos até o Parque de Diversões, mas um defeito no gerador impediu que funcionasse. Passamos, então, casualmente, pela cadeia, onde tinha apenas um preso, que saía pela manhã para trabalhar e voltava à noite para dormir, cumprindo assim sua pena. Mais adiante, ouviu-se música, que despertou-me a curiosidade. Num pequeno galpão, havia um animado baile. Aproximei-me olhando através da janela. Convidaram-me a entrar. Prefiri, contudo, ficar de fora apreciando.

Uma sanfona, um violão mal dedilhado, um pandeiro e um tamborim compunham a orquestra. Todos animados, dançavam radiantes de alegria, apesar da pobreza e atrazo em que vivem. Eu contemplava boquiaberto aquele quadro vivo diante de mim. Era o sertão brasileiro. O tão desconhecido e abandonado sertão.

No alojamento as baratas eram as recepcionistas e a luta contra elas foi tenaz durante a noite. Muitos preferiram suportar o frio dormindo no lado de fora, a ter que suportar as baratas dentro das salas.

Pela manhã, depois do café, partimos. Eram 7:20hs, já dia 19. Estávamos afastados uns 270 kms de Brasília. A ânsia de chegar era enorme. Percorriamos vários quilômetros vendo apenas as matas verdejantes, a que contemplávamos ardorosamente. Às 9:45hs, atravessávamos o Rio São Marcos, divisa Minas-Goiás.

Delírio geral, pois, penetrávamos na última etapa de nossa jornada: Estado de Goiás.

Durante a viagem, algumas vezes, o ônibus parava para abastecer, e nós, aproveitando a oportunidade, “tirávamos água do joelho.”

Após passarmos por Luiziziânia o suspense era total, todos procurávamos descobrir por trás daquelas matas do planalto a nova capital. Assim como os hebreus atravessaram o Mar Vermelho para atingir a Terra da Promissão, nós passávamos na estrada plantada no vermelho barro goiano para atingir a futura capital do Brasil, ou melhor, a capital do futuro Brasil.

Distante uns 12 kms da cidade avista-se parte de um edifício, até que às 13:30hs entrávamos nos arredores de Brasília. O movimento era grande, todos desejavam conhecer a nova capital. Gente de todos os Estados disposta a assistir ao seu nascimento.

Envolta pelas matas do planalto, deslumbrava-se jovem e bela cidade: a cidade do século; a cidade com sua arquitetura revolucionária, que deixa qualquer um estático diante de seus edifícios a admirá-los envaidecidos.

A poeira vermelhada penetra em nossas narinas de maneira assintosa, mas que fazer? Esta é poeira do progresso. Desembarcamos, tomamos contacto com o local, para que arrumássemos nossa bagagem. Ficamos confortavelmente instalados no GEB (quartel da Guarda Especial de Brasília), em barracas com cama de campanha, mosquiteiros, etc.

A Avenida Monumental, com seus edifícios e sua iluminação suntuosos, seus trevos sabiamente construídos, dá um magnífico realce à cidade. A tudo eu admirava com deslumbramento, embora nem tudo estar devidamente concluído. A inauguração foi, sem dúvida, prematura.

A Praça dos Três Poderes, parte central da cidade, ou melhor, parte vital do país, se apresenta majestosamente com o edifício (inacabado) do Congresso Nacional.

As duas cúpulas -Senado e Câmara - dão um toque de nobreza e modernismo ao Palácio do Poder Legislativo. Um lago espetacular, de onde se ergue os edifícios anexos ao Congresso, ornamenta a grande praça. Além do Legislativo, logicamente, se encontra o Executivo e o Judiciário, que formam em uma mesma Praça os Poderes da República.

Antes de estarmos no centro da cidade, havíamos percorrido a Cidade Livre ou Núcleo Bandeirante. Na Avenida Central, encontramos as principais lojas comerciais, com iluminação de gerador e construção de madeira. Cada carro que por ela passa levanta uma nuvem de poeira asfixiante. Nos bares, cada garçom ou garçonete possui um espanador que precede o freguês ao sentar-se à mesa.

Afastado da Cidade Livre se encontram as chamadas "invasões", espécie da favela carioca, com a diferença de ser no plano e não nos morros. Nestas invasões, nestes barracos, habitam os candangos, estes sim, os pioneiros da Novacap. Entre os candangos encontramos gente de todos os recantos do Brasil, são brasileiros do norte e do sul que convergem para o planalto com a esperança de conseguir alguma coisa para si e sua família. São verdadeiros aventureiros que procuram nos mais desconhecidos lugares, não medindo sacrifícios, o seu bem-estar, aquilo que, muitas vezes, a sua região não lhes proporciona. São geralmente nordestinos que abandonam suas regiões abandonadas para tentarem sobreviver.

Estávamos no dia 20, véspera da inauguração, quando chegaria o Cardeal Cerejeira. Nós da Artilharia estávamos encarregados da salva de estilo. Às 17hs partíamos para o aeroporto (40 minutos de onde estávamos). Colocamos os obuses em posição e aguardamos a chegada do Legado Papal.

Pude observar, então, o movimento aéreo na cidade no dia que antecedia a grande festa. Há uns 30m de nós, na pista, aterrizavam vários tipos de aviões das mais variadas companhias. Às 19hs, aproximadamente, desponta o Caravelle que trazia em seu bojo o tão esperado Cardeal português; começamos os tiros (21). Neste momento sentia-me como no descobrimento do Brasil, em que o Frei Henrique Soares desembarcava de uma nau (ou caravela) para celebrar a la Missa no Brasil, agora desembarca de um Garavelo o Caravelle para celebrar a la Missa em Brasília, sua nova capital.

À noite, na Praça dos Três Poderes, à frente do Palácio da Justiça, diante da mesa cruz trazida por Cabral, se iniciava a Santa Missa: Eram 23,40hs, somente o altar estava iluminado. Toda a cidade estava às escuras. Seus edifícios delineavam no céu azul de uma noite tão linda. Aproximadamente 24hs, a hora da elevação, ao soar das campainhas, eis que tudo se ilumina, e todos os edifícios brilham intensamente.

Ao redor da praça riscos de luzes a iluminavam dando um aspecto fulgurante à solidão do planalto. Sim, nasce uma cidade, aquela que é hoje a capital do Brasil. E é bom guardar a célebre frase do Cardeal Cerejeira: "A história do Brasil continua...". De fato, e isto é mais um de seus capítulos; primeiro Salvador, depois Rio, e, por fim, Brasília. Com o silêncio de todos, ouve-se a voz do Papa, que, de Roma, abençoava a nova Capital e enaltecia a todos os brasileiros.

Às 8hs da manhã, dia 21, outra salva de tiros, agora na Praça dos Três Poderes ao Presidente da República que, no Palácio do Planalto, declarava inaugurada a nova Capital.

Quando nos dirigíamos para a Praça, notava-se à beira das estradas, ou melhor, avenidas, por baixo das árvores, carros estacionados com barracas armadas. Era o pessoal acampado para assistir aos festejos, pois todas as hospedagens estavam ocupadas.

À tarde (16hs) houve a Parada Militar. O CPOR garboso desfilava na Av. Monumental, e nós, artilheiros, executávamos mais uma salva de tiros bem ao lado. Depois da Parada houve o desfile dos candangos.

Como parte final dos festejos deste dia, houve, à noite, a propalada queima de fogos. Toda cidade às escuras para que se pudesse apreciar melhor a arte dos fogueteiros. Estava eu assistindo próximo a cúpula da Câmara, quando.... Bem, isto é uma outra história.

Assim se realizaram as festas com todo o brilhantismo, as quais assistimos com toda vibração.

Dia 22 fui visitar o Palácio Alvorada (por fora). Fica bem distante do centro da cidade, à beira do lago. Mais adiante só encontra o Palace Hotel.

Visitei, também, o edifício do Congresso. Achei uma maravilha, uma coisa espetacular (para mim que não sou deputado). Uma forração de tapete fantástica, pisando-se nele parece que estamos nas nuvens. A cúpula para cima é a Câmara, a outra, o Senado. A cúpula da Câmara forma internamente as galerias. A entrada principal fica voltada para a Esplanada dos Ministérios, Em seguida aos 11 edifícios ministeriais (5 de um lado e 6 do outro) se encontra, ainda em construção, a Catedral.

À noite assistimos ao Concerto do Maestro Eleazar de Carvalho. Um encanto, tal a primorosa execução de belas melodias. Ao término de tão suave audição musical, aproximadamente 1 h da madrugada, partimos para o nosso acampamento.

Dia 23 bem cedo levantamo-nos para começar os preparativos da volta. Pelas 15hs partimos para o Rio.

No ônibus tudo era silêncio, todos meditávamos naquilo que acabávamos de presenciar. Quando nos afastávamos, olhávamos para trás tentando fixar, ainda por momentos, os olhos na nova capital. A saudade já se fazia sentir, não de Brasília, mas de meu muito estimado RIO DE JANEIRO, a ex-capital do Brasil.